TENDÃO


QUANTAS + MARICARMENDAS?
SEJAMOS EGOÍSTAS EXIJAMOS O IMPOSSÍVEL
€$ CAPITAL IMORAL
O ÚNICO ARGUMENTO DA IGNORÂNCIA
FILHA
ESTOU AQUI POR TI!

REINVIDICAÇÕES:

1. REVERSÃO DA LEI DO ARRENDAMENTO
2. O FIM DE DESPEJOS DE PESSOAS SEM HABITAÇÃO ALTERNATIVA
3. TRAVÃO À AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS POR FUNDOS IMOBILIÁRIOS
4. AUMENTO DE PARQUE PÚBLICO PÚBLICO DE HABITAÇÃO, TODO EM RENDA APOIADA
5. RECUPERAÇÃO PÚBLICA DE IMÓVEIS DEVOLUTOS
6. APLICAÇÃO DE TETOS ÀS RENDAS (CONSIDERANDO RENDIMENTOS REAIS)
7. IMPOSIÇÃO DE MECANISMOS DE PRESSÃO PARA ARRENDAMENTO DE CASAS VAZIAS
8. FIM DOS BENEFÍCIOS FISCAIS À ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA
9. PROIBIR E REVOGAR LICENÇAS DE ALOJAMENTO LOCAL EM IMÓVEIS HABITACIONAIS

JUNTA-TE A NÓS!



Márcia Carvalho

Conexão, transmissão de força, estabilidade. Acompanhando o pensamento democrático e horizontal da Acampada do Porto, o Tendão procura ganhar forma através de colaboração popular. Todas as semanas, este jornal recolhe contributos livres por convocatória aberta nas redes rociais e no site da Acampada. Acolhe todo o tipo de materiais jornalísticos ou artísticos – testemunhos de uma fibra de resistência que nos define e une contra aqueles que nos negam o direito à habitação. Transmitimos, assim, a força que gera este movimento através das páginas que formam o nosso Tendão.

SOBRE O DIREITO AO FUTURO

Aos que acampam e continuam a acampar, aos que nem da acampada sabem porque os serviçais do capitalismo lhes confiscaram o acesso aos saberes. Aos que pensam porventura que o melhor dos mundos seria uma acampada permanente com direito a hibernação anual se ainda houvesse inverno.

1
Antes de abrir mais uma vez a boca
contra o desconcerto do mundo aterrador
e ininterruptamente crescente e,
nas nossas sociedades domesticadas,
contra a apatia da maioria dia após dia
sofredora de toda a espécie de humilhações,
fui verificar o que já quase sabia:
os polícias amiúde criados nas periferias
e oriundos de famílias desfavorecidas
parecem sempre dispostos a desancar
nas pessoas da sua própria condição
ou nas que lutam contra a pobreza,
a precariedade, a iliteracia, a exclusão
ou outros males sociais gritantes.
A modesta carreira policial obriga os
candidatos a uma expatriação para Lisboa
de duração ilimitada pois a capital
do ex-império precisa de chuis para domar
os insurrectos, embora não ofereça
mais casas para alojar chuis do
que outros profissionais com rendimento
mensal comparável.

Esses polícias da bastonada têm escassos
9 meses de formação para exercerem
uma profissão que, além de envolver
perigo e sobretudo permanente tensão,
haveria de requerer uma sólida preparação
para a ponderação do exercício da
força bruta e uma reflexão contínua
e aprofundada sobre as emoções humanas
(a começar pelo seus próprios medos
e inseguranças).

Pedir sagacidade aos polícias é
mutatis mutandis como pedir a bebés
recém-nascidos que controlem
a fome e o choro e respeitem os hábitos
de lazer e sono de seus pais...
Tendo em conta o baixo salário de que
os agentes da polícia auferem,
e os riscos psíquicos e físicos do ofício,
a profissão é atraente tão somente
para quem, na verdade, não tem
outra opção mais risonha pela frente.

Esses polícias da funesta coboiada,
frequentemente largados na praça pública
como cães, obedecem às ordens
de poderes cínicos, hipócritas e cobardes,
que argumentam
(quando se dão a esse «trabalho»)
com a defesa do bem comum,
sobretudo caso os cidadãos participantes
em acções de rua tenham como objectivo
precisamente a defesa do bem comum.
Sempre que estejamos com a mão
na massa da palavra em lugares públicos
e abertos, conversemos sobre o que seria
uma polícia consentida.
A ideia de nos policiarmos uns aos outros
afigura-se-me francamente pavorosa...

Entre parênteses,
apreciaria que aqueles que se julgam
donos de alguma coisa neste mundo,
ou seja proprietários de X ou Y,
não brandissem a bandeira da morte
à bófia, não bramissem esse
e outros slogans próprios dos skin heads
(a não ser que achem que
os urros suprematistas e a missa
futeboleira encarnam a utopia política
pela qual nos envolvemos em lutas).

2
Evocando a alegria que senti
quando soube da sublevação-acampada
(com vista para a fachada do Rivoli
de novo gerido como espaço municipal!),
um camarada habituado a lidar com
a causa das casas, lembrou-me que,
infelizmente, o direito constitucional
à propriedade se sobrepõe ao
direito à habitação na nossa lei das leis.
Ora, se puxarmos pelos fios de certos
direitos «conexos», logo encontraremos
as normas que regem a transmissão
do património (vulgo herança)
promovendo a desigualdade
e também as inacções que evitam
qualquer ingerência incómoda
no uso que os proprietários negligentes
fazem dos seus bens.
Uma rápida visita das cidades revela-nos
os muitos imóveis parados no tabuleiro
da especulação, ou seja, verdadeiramente
«imóveis».
Uma pequena excursão ao mundo rural
regularmente devastado por incêndios
revela-nos o abandono de casas,
terrenos e bosques dos quais os possuidores
não dependem para a sua subsistência,
por vezes ignoram mesmo a sua dimensão
e localização.
Então pergunto:
a reivindicação do cumprimento do direito
constitucional à habitação pode deixar
de lado a discussão sobre a propriedade privada
o devir dos campos que alimentam as cidades
o destino das florestas que produzem
o oxigénio necessário para continuarmos
a respirar?
E pergunto isto porque num combate
que promete prolongada resistência
recheada de festejos poderia
(deveria?) haver um espaço de reflexão
sobre os possíveis ajardinamentos
dos territórios ainda habitáveis num
planeta ameaçado por catástrofes em catadupa
um gesto local e global que escorraçasse
das mentes e das práticas a expulsão do Eden.



Márcia Carvalho

3
E por fim e no início de tudo,
a questão é HABITAR O PLANETA.

Aquela que foi apelidada de vendida ao
capitalismo verde, de atarracada, de atrasada mental,
de louca furiosa, de sueca mal fodida,
entre outros mimoseios fáceis de arremessar contra
uma adolescente de 15 anos e de sexo feminino,
proferiu a 23 de setembro de 2019, na sede da ONU,
faz um pouco mais de sete anos,
o seguinte discurso:

A minha mensagem
é que temos os olhos postos em vós.
Está tudo errado.
Eu não deveria estar aqui.
Eu deveria estar na escola,
do outro lado do oceano.
E, no entanto, vós vindes a nós, gente nova,
em busca de esperança.
Como ousais?
Roubastes os meus sonhos e a minha infância
com as vossas palavras vazias.
E, apesar de tudo,
eu sou uma das felizardas.
Há pessoas a sofrer. Há pessoas a morrer.
Ecossistemas inteiros a colapsar.
Estamos no início de uma extinção em massa,
e vós só conseguis falar de dinheiro
e narrar os contos de fadas do eterno
crescimento económico.
Há mais de 30 anos que a ciência tem sido claríssima.
Como ousais continuar a olhar para o lado e vir
aqui ao poleiro dizer que estais a fazer o suficiente,
quando as soluções políticas necessárias ainda
não estão à vista em lugar nenhum?
Dizeis que nos escutais e que entendeis a urgência.
Mas por muito triste e zangada que me sinta,
não posso acreditar no que dizeis.
Porque, se realmente entendêsseis
a situação e continuásseis a falhar na acção,
seríeis a encarnação do mal.
E eu recuso-me a acreditar nisso.
A ideia muito propalada de cortar metade
das nossas emissões em 10 anos,
dá-nos apenas 50% de hipóteses de manter
a temperatura global abaixo de 1,5°C
e não elimina o risco de desencadear reacções
em cadeia irreversíveis fora do alcance
do controlo humano.
50% pode parecer-vos aceitável,
mas esses números não incluem os pontos
de inflexão, a maioria dos ciclos de feedback,
o aquecimento adicional camuflado pela
poluição tóxica do ar, nem o que diz respeito
à igualdade e justiça climática.
Esses 50% também dependem de que
a minha geração consiga sugar centenas
de bilhões de toneladas do CO_2 do ar
com tecnologias que ainda nem sequer
existem propriamente.
Portanto, um risco de 50% não é aceitável
para nós – nós que teremos que viver com as
respectivas consequências.
Para ter 67% de hipóteses de permanecer abaixo
dum aumento de temperatura global de 1,5°C –
a melhor hipótese segundo o Painel Intergoverna-
mental de Mudanças Climáticas–, o mundo
poderia emitir apenas, a 1 de janeiro de 2018,
420 gigatoneladas de CO_2.
Hoje, esse número já diminuiu para menos
de 350 gigatoneladas.
Como ousais fingir que isso pode ser
resolvido tão-só com os negócios do costume
e algumas soluções técnicas?
Com os níveis de emissões atuais,
o orçamento restante de CO_2
desaparecerá completamente em
menos de oito anos e meio.
E não haverá aqui e agora (na presente cimeira)
soluções ou planos apresentados
de acordo com esses números porque eles
são muito desconfortáveis.
E vós ainda não sois suficientemente maduros
para dizer as coisas como elas são.
Estais em falta para connosco.
Porém os jovens começam a entender
a vossa traição.
Os olhos de todas as futuras gerações estão
postos em vós.
E, se escolherdes falhar, nós nunca vos perdoaremos
essa falha.
Não vamos deixar-vos sair impunes disso.
O aqui e agora é onde traçamos a linha de partida.
O mundo está a acordar.
E a mudança vai acontecer, quer queirais, quer não.

Regina Guimarães

vinte anos após a ocupação do Rivoli
(equipamento municipal que a CMP
pretendia entregar à gestão privada)
a que demos o nome alegre
de RIVOLIÇÃO.


Luisa Fernandes



Chandini Manilal

07 NOVEMBRO 2026 TENDÃO #1 JORNAL DA ACAMPADA DO PORTO

CONTRATO SOCIAL

Olha, eu percebo, acredita que percebo, mas não sei de que te queixas. Tinhas feito como eu, pá, aprendias a bater código ou a ser fluente em networking e estavas bem da vida. Sacavas uns quantos a trabalhar remote para um daqueles conglomerados disformes, ainda te metias numas ONGs jeitosas, a ver se não arrendavas um T1 de 40m2 com vistas para o saneamento municipal e aquele canto onde abatem cachorrinhos com cólera. Eu cá não me importo muito com essas coisas, sempre fui de trabalhar e de passar bem com a malta. Tu bem sabes, nunca liguei à política, muito menos a esses filhas da puta desses comunas, são só líricos com muito tempo livre que não percebem nada de economia. As coisas são como são, e é bom que metas isso na cabeça. As coisas são como são e ponto final, se não estás disposto a aceitar a tua perpétua condição de excrescência social, o melhor é desistires. O que eu queria era ir beber uma cervejinha, que já estou farto de ouvir gritos e lamúrias. Não grites, que quando gritas perdes logo a razão. Se queres que te respeitem, dá-te ao respeito. Se não consegues comprar casa, arrenda. Se não consegues arrendar, partilha, há muita malta a fazê-lo e até há uma app e tudo. Se não consegues partilhar, volta para casa dos paizinhos, que isso é uma coisa muito comum, muito mediterrânica e dos povos do sul. Se os paizinhos estiverem mortos, morre também, fica no teu canto e deixa que te puxem os braços e as pernas e as unhas e os dentes, e não te queixes porque eu também nunca me queixei e estou aqui, não estou?

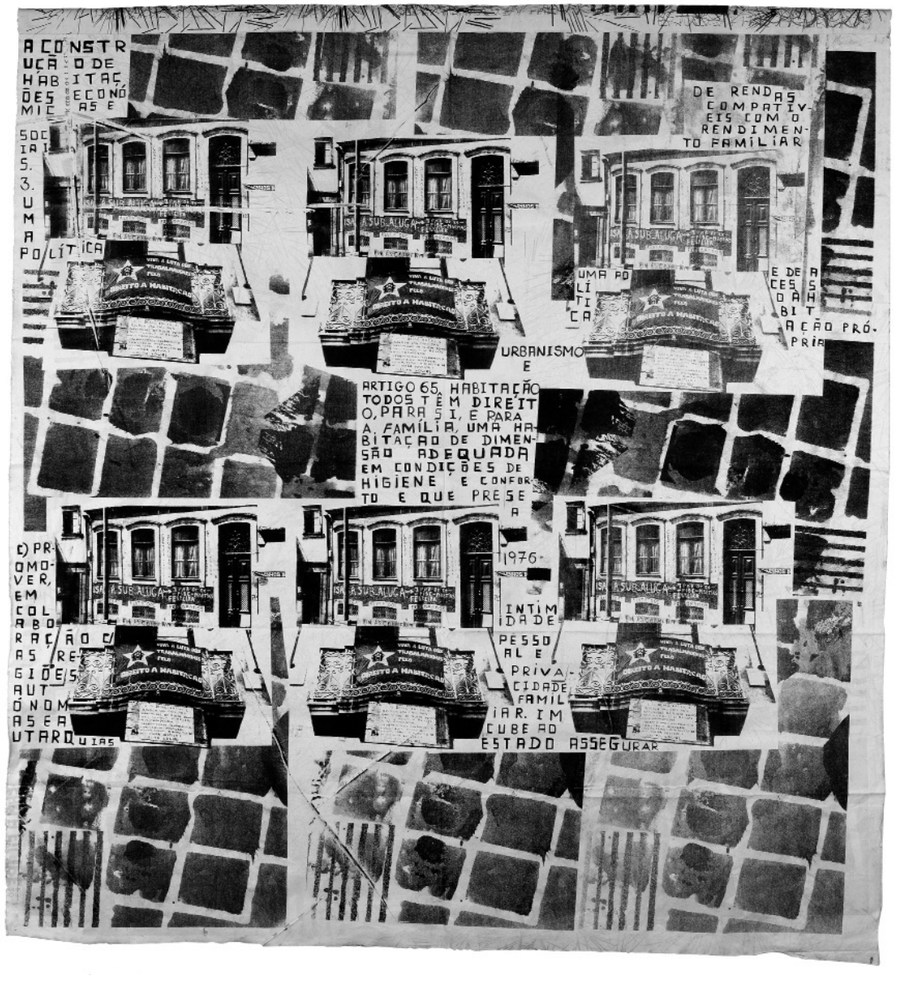
Deixa que te vendam a rua e o quarto de infância, deixa que te usurpem as mãos, os pés e os olhos, deixa que te levem o pensar e a alma até só restar uma carcaça articulada, suficiente para perguntar se quer factura com contribuinte e para limpar o vómito e a merda de quem te verga e te calca a cabeça.

Anónimo

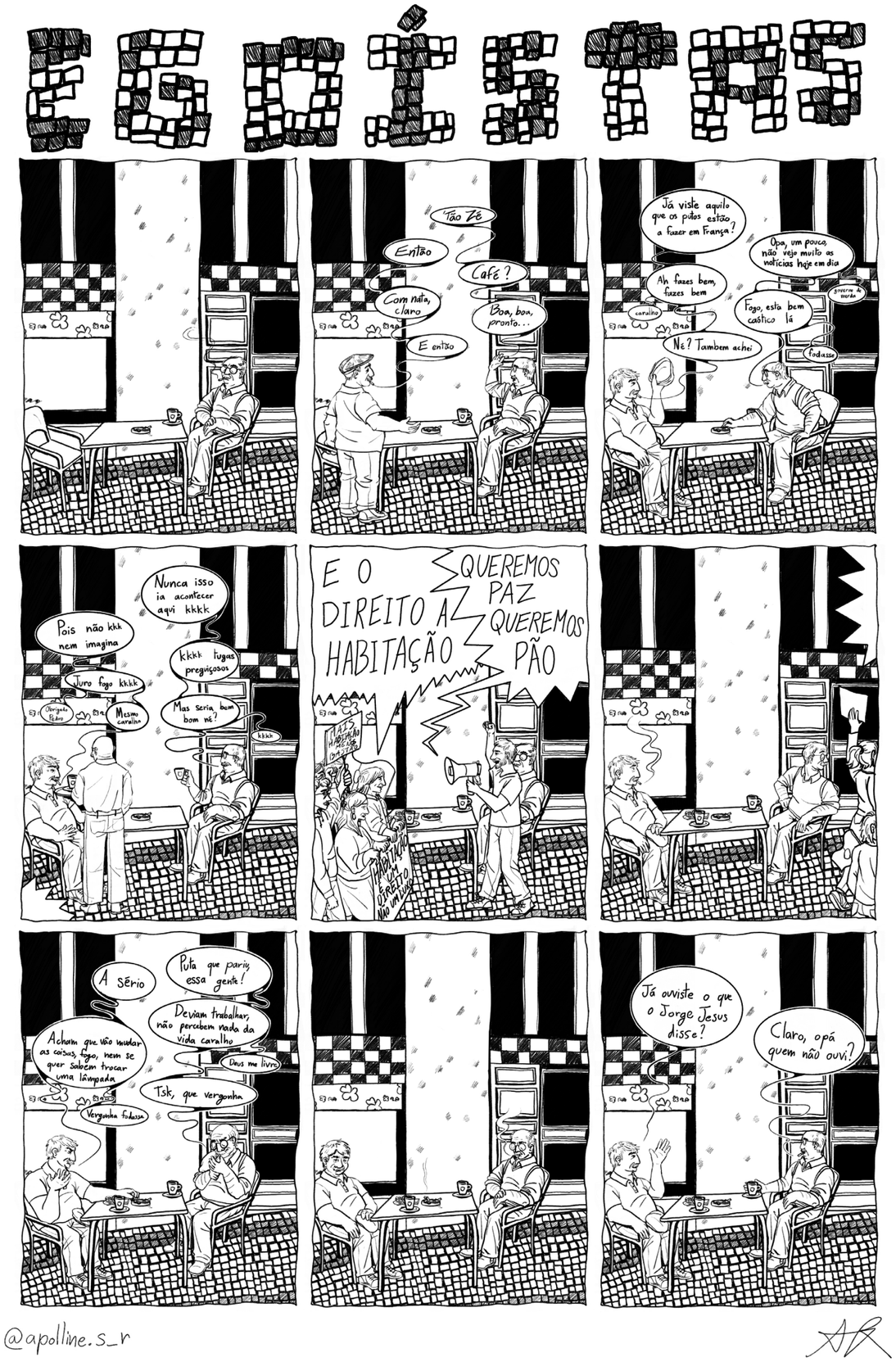


Juliano Matos


Luísa Fernandes



Carla Filipe : *ARTIGO 65 (976): O DIREITO À HABITAÇÃO, 2023;* **fotografia Filipe Braga**



O PM FALOU,
nós traduzimos a mensagem...

1. Auscultou a população, expôs o seu programa e não acordou agora.
Auscultou os fundos imobiliários, expôs um programa incompleto e enganador e, infelizmente, continua a dormir para a realidade do acesso à habitação em Portugal.

2. Falou em dialogar com os partidos da oposição.
Acabou de descobrir ontem como funciona um governo de minoria parlamentar. Aguardamos atenciosamente que descubra que a democracia não termina nas urnas.

3. Pediu que não se importem modelos de protesto violentos.
Relembramos que a única violência foi policial e tem Denominação de Origem Controlada no Ministério da Administração Interna.

4. Mostrou-se preocupado com sossego, ordem, salubridade e preservação do espaço público e exercício da autoridade.
Convidamos o PM a vir ajudar o nosso GT de limpezas ou para sugerir à polícia que não nos espanque.

5. Elencou uma série de medidas tomadas e pediu tempo para as medidas funcionarem, dizendo até que algumas já funcionam.público e exercício da autoridade.
Porque nunca explicou como a Lei das Rendas que quer aprovar funcionará? Será que os portugueses gostam dos resultados que já sentiram no corpo?

6. Falou em dar prioridade aos jovens. Falou de tudo o que permitiu a muitos jovens comprar casa.
Por azar, não falou dos que ficaram de fora da borla aos filhos ricos.

7. Disse ter aprovado 7x mais apoios.
Mas sem tetos ou moderação nas rendas, podia só ter dito que entregou 7x mais subsídios aos senhorios.

8. Falou em ter inventariado imóveis do Estado dirigidos à habitação.
Na vida real, vemos cada vez mais imóveis públicos vendidos para serem hotéis.

9. Falou em simplificar licenciamentos, na emissão de licenças e em borlas fiscais que promovem a construção.
Ficou mudo sobre quais os setores e públicos alvo da construção recente: não somos nós.

10. Disse que os indicadores estão sólidos, que a economia cresce e que a credibilidade é muito reconhecida.
Apesar de preferirmos juros baixos e propormos medidas fiscalmente responsáveis, não comemos nem vivemos dentro de ratings. Comemos pão e vivemos em casas. É para nós difícil imaginar um PM que não sabe que pão e casa estão caros para quem trabalha, muito caros.

Por fim, sugere que nos mobilizamos por palmadinhas nas costas.

Lamentamos desiludir, mas nenhuma palmada nas costas poderá algum dia substituir o calor de um lar ou um dia de trabalho pago a preço justo.

Estaremos todos os dias na praça para continuarmos a construir propostas sérias para garantir acesso a casas e a mudança desejada. Deixe a acampada trabalhar.

CONTRA A DESPOLITIZAÇÃO DA ACAMPADA

PELO PODER POPULAR

Antes de tirarem conclusões precoces, anuncio que este texto foi escrito por um anarquista, que se orgulha muito em procurar continuar o legado daqueles que deram a vida pela emancipação humana na Comuna de Paris, nas coletividades operárias, camponesas e indígenas no México em 1910, nos sovietes da Revolução Russa em 1917, no de Kronstadt em 1921, nos sindicatos e comunas de Espanha em 1937, e longa ainda seria a lista.

Na última semana de outubro foi votada favoravelmente uma proposta na assembleia popular da acampada, que aprovada por larga maioria, proíbe os partidos políticos de falarem em microfone aberto através dos seus porta-vozes. Esta decisão vem acompanhada de certos discursos de que a luta pela habitação não é de esquerda nem de direita, que pertence a todos, e que a decisão de banir os porta-vozes dos partidos serve para manter o caráter popular da assembleia, impedindo-o de ser cooptado.

A cooptação de movimentos populares por partidos políticos de todos os quadrantes, da esquerda à direita, é uma história antiga e com respaldo em muitos dos eventos nas organizações de base que surgiram após o 25 de Abril.

Posto isto, a solução para o problema da cooptação passa exatamente pelo oposto daquilo que foi aprovado. Passa pelo reforço da transparência e da politização da assembleia popular.

Mas o que é cooptação? Costumamos utilizar este termo para descrever práticas antidemocráticas e desonestas que visam instrumentalizar os espaços, colocando-os ao serviço de agentes políticos específicos, estabelecendo uma única forma de pensar e desarmando-os como ambientes de encontro, de união de forças, de debates e de construção de consensos - ambientes que dão força real às lutas travadas pelos despossuídos.

Já o vimos inúmeras vezes: organizações que desviam energia militante significativa ou se apropriam de espaços estratégicos dentro dos movimentos para obter o controlo dos espaços de combate.

Detetámos muitas destas táticas nas nossas trajetórias enquanto ativistas: acumular membros para aprovar votações, interromper o fluxo de assembleias até que adversários ou agentes incontroláveis sejam derrotados pela exaustão, espalhar boatos, funcionar como verdadeiros burocratas ao assumir o controlo de secções dedicadas à comunicação e à construção de consensos e usurpar a representação... Isto nunca deve ser confundido com o compromisso de uma organização ou coletivo específico com uma luta ou um espaço em particular. Gostaria que estes grupos que aspiram à vanguarda agissem sempre desta forma, dedicando-se integralmente às lutas e caminhando lado a lado com outros coletivos e trabalhadores. Não estamos a falar disso; estamos a falar da assimilação das lutas e do caminho para essa absorção. Ora, a cooptação dos movimentos como o nosso vem muito mais através dessa ação dissimulada de certo partidos políticos, nomeadamente para ganhar poder eleitoral esvaziando as organizações de poder popular do seu próprio poder, de autogestão e ação direta, e através de indivíduos ou grupos de indivíduos que fingindo agir em nome de associações ou a título individual, se entretinham como larvas e manipulam a vontade das massas. Ainda para mais, fica por esclarecer o que distingue um partido de um coletivo, visto que a UP, o Coletivo Ruptura, a Esquerda Revolucionária e o CCR são todos pequenos partidos de esquerda sem ambições eleitorais, ou qualquer chance de tirar destas assembleias uma base de eleitores para tomar o poder do Estado.

Inseparável de tudo isto é a despolitização da luta. A luta que temos dirigido pela habitação é uma luta de esquerda, sim. A assembleia popular é um exemplo prático de como o ser humano é um ser político, nas palavras de Aristóteles. Temos praticado democracia direta sim, mas mais como as comunidades zapatistas ou as primeiras cidades da Mesopotâmia, tendo em conta que não escravizamos ninguém nem silenciamos mulheres. Tudo isto é política, e a política contemporânea desde a Revolução Francesa ficou marcada pela separação entre esquerda e direita. Os nossos inimigos são a direita, seja o Governo do PSD-CDS, apoiado pelos fascistas do Chega, seja Pedro Duarte e Carlos Moedas, ambos do PSD. Acima de todas estas figuras, os nossos inimigos são tipo de relação social e instituições de controle social impessoais, sem cara, nome, nem morada. É o Capital e o Estado, é o capitalismo estatal e racializado patriarcal, que nos obriga a vender a nossa força



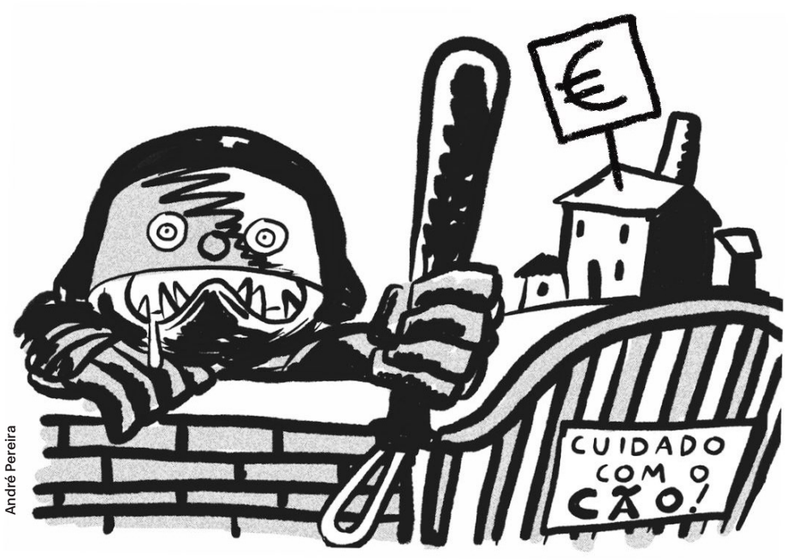
de trabalho para sobreviver, defende a propriedade privada de onde vêm os frutos do nosso trabalho e os meios da nossa subsistência, que mantêm os povos racializados esmagados e as mulheres espezinhadas. Esta assembleia popular só sobrevive como força de poder popular capaz de influenciar a realidade e se ligar a outras organizações, lutas e movimentos populares de revolta se souber nomear bem alto os seus inimigos: o capitalismo e o Estado-nação.

Quero terminar com o meu principal argumento a favor de permitir a total liberdade de associação, expressão e participação dos partidos e coletivos políticos na assembleia popular: transparência. A melhor forma de impedir a cooptação é com transparência. Se todos soubermos as caras e os nomes de quem está a falar, por quem estão a falar, quais os seus projetos e objetivos por detrás, todos saímos a ganhar. Não podemos ser enganados se conhecermos os grupos e os seus objetivos, e com a proposta aprovada na última semana nada impede, e não tem impedido, os membros destes partidos e coletivos de usar o microfone aberto para passarem a sua mensagem, sob a capa de ser a "título individual".

Tentar reprimir uma destas manifestações de livremente serem exploradas cria apenas entraves, ressentimentos e empecilhos à democracia direta e popular. Alguém imagina a Comuna de Paris sem os seus blanquistas, proudhonistas e jacobinos? Ou os sovietes da revolução russa, com democracia radical e participativa, delegados eleitos diretamente com mandatos rotativos, temporários e revogáveis, sem a natural divisão de opiniões e debates entre bolcheviques, mencheviques, socialistas revolucionários, e sim, também anarquistas. É impensável pensar os conselhos revolucionários da Catalunha e Aragão de 1936 sem a presença de militantes anarquistas da CNT, socialistas e comunistas da UGT, e outros tantos que pertenciam a outros agrupamentos, mas jurando lealdade acima de tudo à revolução e à vontade popular direta e coletiva. Para não sermos hipócritas, ingênuos e facilmente manipuláveis pelas forças da direita e do fascismo que nos tentam derrubar e silenciar, transformemos a assembleia popular num espaço de esquerda diverso e plural, onde socialistas, comunistas, anarquistas, membros de associações de moradores, sindicatos, comissões de trabalhadores e tantas outras organizações de base possam abertamente manifestas as suas ideias, procurando convencer pela palavra e pela ação. No final, com todos os programas e propostas expostos em cima da mesa de forma transparente, que seja a nossa classe a decidir por onde ir, pois o povo é quem mais ordena.

Anónimo

O ser humano é um ser político, e é marcado pela sua diversidade e pluralidade, seja a nível étnico, cultural, religioso, linguístico, dietético, de identidade de gênero ou a nível político.



André Pereira



opinião



No dia 10 de outubro, ao meu lado, foi montada a primeira tenda da @acampadaporto e, tomada a iniciativa, ergueram-se mais umas dezenas! Foi lindo ver a organização, o espírito de luta e a vontade de mudança no rosto daquelas pessoas. Nos dias seguintes fui acompanhando pelas redes, frequentava as assembleias populares e tomávamos a praça a cada dia mais nossa, mais humana!

Segue-se o 1.º despejo!
Vamos à rua!
Segue-se o 2.º despejo, com uma violência que este país já não via há alguns anos, mesmo em claques de futebol! Voltamos à rua, com mais força! Segue-se o 3.º despejo, desta vez pacífico, felizmente! Voltamos à rua!

Sábado, dia 24 de outubro, volto à manifestação! Uma manifestação, que há muito, excluindo a do 25 de abril, não se via. Vi crianças, famílias inteiras, vi avós, vi jovens, vi a Geração à Rasca, vi a Geração de Abril, vi emigrantes, vi portugueses todos juntos, com um sentimento de revolta misturado com a vontade de lutar com poesia e cantiga na boca! Ao final da tarde são montadas novamente as tendas, símbolos de muitas manifestações, inclusive de duas durante este mesmo mandato do Governo de Luís Montenegro! Pela 00:30h chega um "exército" de Polícia de Intervenção. Uma imagem que dificilmente irá sair dos pensamentos. Cerca de 70 agentes, cães, carrinhas de prisioneiros. Olhei para o arsenal que carregavam, traziam armas de balas de borracha, tasers, gás lacrimogêneo e pimenta. Não me lembro de tamanho aparato numa manifestação pacífica. Arma-se a mais perigosa arma de todos os tempos, um cordão humano! Segue-se duas horas e meia de silêncio mais barulhento que a Praça D. João I já ouviu, só interrompido pelo latir dos cães.

Segue-se o 4º despejo!
São lançadas bastonadas e empurrões. Vi pessoas em sangue, vi pessoas a chorar e a gritar, vi pessoas que foram atacadas por tasers. Vi as equipas médicas da Acampada a acudir quantos pudessem. Que pessoas abençoadas, essas que depois de turnos que fariam sair para as ruas, por outras tantas razões, ainda vão acudir o sangue que a Polícia fez cair. Que bravos!
São imensas as interpretações que se podem fazer das leis ou até mesmo da Constituição, ou até da Constituição antiga! Mas uma coisa que não podemos fazer interpretações diferentes é o direito à vida e a um teto. Em tantos dias que vou à acampada, em nenhum momento, ouvi pedir casa de graça e que o Estado faça a vida por nós. Pedem condições para as pagar. Seria absurdo vir aqui dizer que quem originou esta crise foi o PSD ou até o antigo Governo. É algo muito mais atrás, resultado de medidas que devíamos ter deixado no Estado Novo e resultado de uma pacificação das Gerações Pós-Abril. Agora, criar uma Lei que promova, ainda mais, despejos, que vai criar mais instabilidade nas famílias, que engrandece mais o poder dos Senhorios sob os Inquilinos é responsabilidade de quem a propõe. É culpa deles que a crise tenha aumentado mais de 30% e é culpa deles todas

estas investidas da PSP, de todas as cabeças abertas e de todos os Pais que acordam a meio da noite com a mensagem dos filhos a dar notícias do seu bem-estar, mesmo estando a fugir, por ruas encurralados pela PSP. Não podemos culpar os agentes na sua pessoa, mas podemos criticar o Governo por os usar como instrumento de repressão para qualquer tipo de manifestantes. Devemos ter sempre a coragem e a cabeça para questionar, enfrentar, contrariar todas as autoridades, porque é para nós que eles trabalham, é para a nossa segurança que trabalham, para a segurança de toda a população.
O mundo está num sítio muito dúbio e a nossa geração não quer ter o mesmo futuro que foi desenhado para os nossos pais. Disseram-nos para estudar que seríamos recompensados no mundo do trabalho! Nós fomos! E agora é o Estado que nos está a falhar! O Contrato Social foi quebrado, não é garantido sequer os Direitos Básicos de vida e depois dizem-nos que "Temos de trabalhar mais! Temos de ser mais como os nossos pais ou os nossos avós". Também eles estão com 2 trabalhos e outros com part-times para poder dar conta das despesas.
Em que mundo vive quem nos governa?
Tudo isto para mostrar que a Acampada é um espaço que recebe todos os cidadãos que estão abertos ao diálogo e à luta coletiva! Queremos ser mais e mais até que nos tornemos ensurdecedores aos ouvidos dos nossos governantes. Todas estas discussões que hoje vemos nas notícias, já não são sobre a Habitação mas sim sobre a narrativa que Luís Montenegro e Luís Neves criaram, a fim de juntar a Acampada a um movimento de Extrema-Esquerda! Posso dizer que o único Extremo que lá aparece é a extrema necessidade de avançar com a nossa vida! Ninguém quer ficar acampado numa praça do centro da cidade!
E aos que acham que não é uma luta vossa, pois leiam um pouco sobre a situação que o país se encontra e vão perceber que esta crise também está no vosso bolso! De resto, vi muita gente, vi muito amor, muito companheirismo só não vi mesmo as Federações Académicas! Talvez seja por inabilidade de fazer uma manifestação ou por pouca conversa com os seus pais que os faça perceber como fazem para pagar uma deslocação para outra cidade!
A Acampada não é um festival de Freaks, nem um monte de gente desempregada que procura viver à custa do Estado! A Acampada é a Assembleia Popular onde se ouvem todos os testemunhos de quem se quer pronunciar, é um local onde tentam desenhar novas formas de Futuro! A Acampada é a Cantina Social, que alimenta todas aquelas pessoas que lá vão e todas as pessoas em situação de sem abrigo que procuram uma refeição quente,
todos os dias!

Anónimo

A ACAMPADA É ARTE E ARTE SERÁ SEMPRE RESISTÊNCIA!

VIVA O POVO!

VIVA A RESISTÊNCIA!

VIVA A ACAMPADA!

VIVA A LIBERDADE, SEMPRE!

Lotaria urbana

Tinha-me pedido que deixasse o apartamento durante 48 horas. Ia haver uma inspeção da empresa de alojamento local. Com o pedido, veio um acrescento - que deixasse a casa como se ninguém lá vivesse permanentemente. Seriam apenas 48 horas, disse-me. Que não imaginava que houvesse muito inconveniente. Dois diazitos, Francisca, pode ser? Sabe, é que seria uma confusão de papelada se quisesse oficializar o seu aluguer. E com o preço tão baixo que paga, nem chegaria para os impostos. Era simples, coitada. Não queria problemas com a justiça. Que o preço que eu pagava fosse superior ao preço que pagava por um apartamento maior em Glasgow, onde o meu ordenado era o dobro, não era relevante. Era, efetivamente, um preço mais baixo que os preços dos alugueres oficiais dos apartamentos que eram meus vizinhos. Os poucos que ainda tinham vizinhos. Era o centro do Porto, afinal. Talvez não fosse uma área em que pudesse aspirar a viver oficialmente.

E era simples. Quarenta e oito horas para higienizar oito meses de vida, procurar comer toda a comida do frigorífico, colocar os meus objetos em mochilas e malas. E simples, claro, em apenas quarenta e oito horas poder voltar, colocar tudo de volta no lugar, como se nada tivesse acontecido. Foram horas frenéticas. Sem tempo para mudanças para lado nenhum. Nos intervalos do trabalho e da vida. Saí como se sai de um assalto. Sem deixar evidências do crime - do meu crime. Coloquei as malas na bagageira do carro de um amigo, passei quarenta e oito horas no sofá de outra amiga.

Regressei ao fim de três dias. Tinha ido à praia.

A primeira coisa que fiz, foi verter a areia das cuecas no chão imaculado. A sensação foi libertadora. Curta liberdade.

Três meses depois pediu-me que saísse. Desta vez, para sempre. Chegava o verão, o turismo recompunha-se da pandemia. Era simples. Tinha uns meses para encontrar outro lugar. Razoável. Desse aluguer, não me devolveu o depósito. Imagino que teria deixado a casa com demasiadas marcas de vivência permanente. Seria custoso demais voltar a higienizá-la. Foi como se nunca tivesse tido direito à casa onde vivi durante 9 meses. Tudo ali tinha sido um favor que me fora feito.

A voz impessoal da agência imobiliária explicava: o senhorio quis que passasse a mensagem. Enquanto o preço do aluguer for o concordado há vários anos, sem ajuste ao mercado atual, ele não pagará nenhum arranjo necessário. Tinha-se estragado a caldeira, estava há dias sem água quente. Já aprendera a ignorar as manchas de bolor na casa de banho. Chamei o picheleiro, envergonhada, com medo do gasto imprevisto. Este arranjo, os próximos. O senhorio já avisou: não quer que o chateiem. Continuei a viver no apartamento que alugava com medo de estragar o favor que me faziam. Da não atualização da renda. Era o centro do Porto, afinal. Talvez não fosse uma área onde pudesse aspirar a viver legalmente. O pagamento ao picheleiro não teve nada de libertador - tem MBWay? Também desse arranjo não haveria recibo - ficava mais caro, explicou.

Estávamos felizes. O meu companheiro vinha viver comigo. Parecia um passo importante na relação - juntar os livros nas prateleiras, dormir todas as noites na mesma cama, partilhar listas de supermercados. Uma relação oficial, costuma dizer-se. Mas não viveria comigo, oficialmente. Retirar o seu nome do contrato do apartamento que partilhava com os amigos seria arriscar que o senhorio lhes alterasse a renda.

Com o contrato de dois anos ainda com um ano para terminar, esse ano de renda não poderia ser desperdiçado. Não nos sentimos livres, de cada vez que tem de esperar que os amigos lhe transfiram o dinheiro da renda, para que continue ele a fazer a transferência oficial. É o centro do Porto, afinal. Há que aproveitar.

Transitamos de apartamento em apartamento com a sensação de transgressão do que não nos pertence. Abrimos a porta de casa sem saber quanto tempo nos será autorizada a permanência. Vivemos apavoradas com a perspetiva do próximo despejo, da próxima procura desesperada de algum lugar não demasiado caro, não demasiado pequeno, não demasiado abandonado, não demasiado longe. E estamos sempre a alargar os limites do demasiado. O demasiado caro estende-se nas percentagens do salário. O demasiado pequeno transita para salas divididas em várias camas, divisões improvisadas com tetos falsos - chamam-lhe mezanino, soa melhor. O demasiado abandonado já abarca os tetos por pintar, as



Francisco Guimarães

Francisco Guimarães

Luisa Fernandes

lavandarias da rua, os fornos microondas.

E o demasiado longe - nas periferias sem transportes, sabendo que o centro social da nossa vida estará sempre noutro lugar.

Vivemos assim, de favor em favor - das mensagens partilhadas nas redes sociais, do amigo que conhece uma amiga que conhece uma amiga que vai sair de casa por uns tempos. Nos lugares que nunca foram nem serão nossos - porque a palavra direito é quase tão silenciosa quanto a palavra oficial. E celebramos com alívio cada buraco. Dizem-nos que sorte, que achado! Um lugar onde morar. É o Porto, afinal. Talvez não possamos aspirar a aqui morar e possamos apenas continuar a procurar a agulha na fortaleza. De sorte em sorte, até ao apartamento que nunca será final.

Sorte bem diferente, essa, a das que têm um lugar onde viver e ainda outro, que podem alugar aos vencedores deste bilhete da lotaria. Mas, aí, já não é sorte, claro. É trabalho. Direito. Mérito.

Francisca Bartilotti

A ACAMPADA EM NÚMEROS

Semana de 29/10 — 04/11

130
· Cuidados médicos

35
Apoios psicológicos

39
Feridos em carga policial

5
· Hospitalizados

38
· Programas culturais (workshops, concertos, dj's, desporto, crianças)

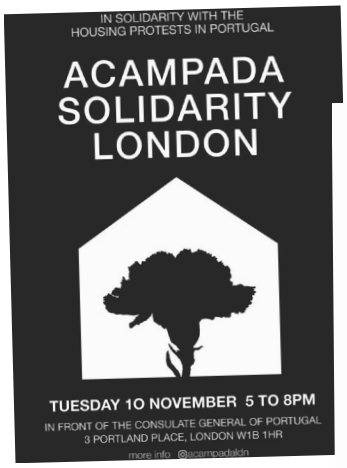
17
· Debates/roda de conversa (dentro e fora da Assembleia Popular)

45
· Tendas montadas

53
· Intervenções "open mic" em Assembleia Popular

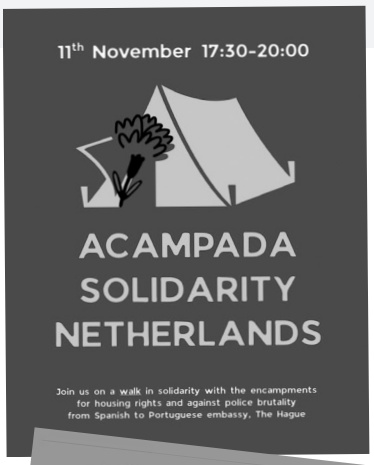
10
· Propostas aprovadas em Assembleia Popular (descontando decisões de permanência na Praça)

~2100
·Jantares quentes servidos

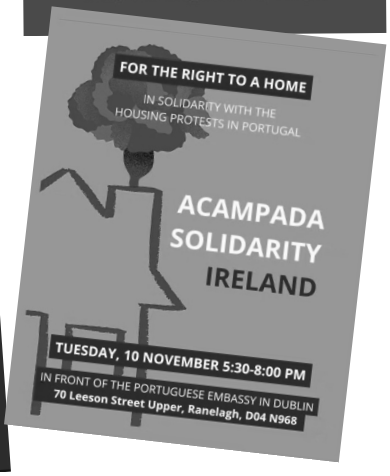












Link para o website da Acampada Porto

Apoio institucional

Morto.

Apoie as próximas edições: use o descritivo "Tendão" na sua doação! Mais informações no Instagram @acampadaporto.